

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: Política Indig. Oficial

Data: 24 de maio de 1972

Pg.: 65

Cotrim afirma que a Funai desrespeita o plano de atuação na Transamazônica

Brasília (Sucursal) — O sertanista Antônio Cotrim disse ontem que o plano elaborado para orientar a atuação da Fundação Nacional do Índio na área de influência da Rodovia Transamazônica vem sendo seguidamente desrespeitado em prejuízo das sociedades indígenas descobertas na região.

O técnico, que se demitiu na semana passada do órgão, convencido de que na função vinha sendo apenas "um coveiro de índios", foi um dos três integrantes do grupo de trabalho que elaborou o plano. Assegura ele que até tuberculosos serviam nas equipes de atração e pacificação.

DESRESPEITO

Acrescentou que houve um flagrante desrespeito à recomendação expressa de que todos os homens da Funai que fossem trabalhar na Transamazônica deveriam ser submetidos a rigorosos exames médicos. Comentou que só houve vacinação intensa do pessoal da "primeira leva das turmas de atração." Mais adiante, contou que ele próprio, na chefia da equipe que tentava pacificar os jandeavis, no Pará, descobriu na aldeia indígena que o intérprete enviado pela delegacia de Belém estava com tuberculose.

— Descobri depois de 20 dias, quando ele teve uma crise e vomitou sangue.

O sertanista devolveu o intérprete. Em Altamira, foi submetido a exame de escarro e constatou-se, então, que estava com tuberculose em alto grau.

O SEGUNDO

Afirma, em seguida, que na turma de atração dos araras descobriu-se que o intérprete César Romero Apalai também estava tuberculoso — tuberculose ganglionar, "facilmente percebida porque o pescoço fica inchado." Foi enviado de volta.

Segundo o sertanista, o plano de trabalho da Funai na Transamazônica é só "para inglês ver." Na prática, vem sendo desrespeitado. O documento previa, por exemplo, que numa primeira fase de trabalho seria realizado um reconhecimento aéreo da área, através de sobrevôos em "forma de pente", para localização de aldeias. Esse trabalho só agora, no último trecho de construção da estrada será realizado.

FALTA DE CUIDADO

A falta de cuidado na seleção do pessoal das equipes de pacificação é outra falha

apontada pelo sertanista Antônio Cotrim. Diz que o mateiro Francisco Chagas Pimentel, que há três anos foi flechado por índios araras, durante um choque em que morreram dois brancos, está inabilmente incluído na turma de pacificação dos araras.

A inclusão poderá ser fatal para o mateiro e para o próprio êxito da missão de pacificação, porque os araras certamente vão reconhecê-lo. Esses índios estavam aldeados a três quilômetros da Transamazônica. Com a aproximação das máquinas, afastaram-se da aldeia, isolando-se na mata numa região entre o rio Iriti e a Transamazônica, no trecho Altamira-Itaituba.

O mateiro Francisco Chagas, "um bom sujeito", foi ferido em 1968, quando trabalhava na abertura de uma picada entre Altamira e Santarém (o Governo paraense estava pretendendo construir uma estrada ligando as duas cidades, desistindo, no entanto, quando se anunciou a construção da rodovia federal). "É muita imprudência", acrescenta o sertanista "colocá-lo na frente de atração dos araras. Ele topou porque teve a oportunidade de ganhar algum dinheiro — Cr\$ 360,00 por mês."

Até agora, os araras ainda não foram contatados pelos brancos.

O sertanista diz que o plano também não foi cumprido na parte que previa a formação de uma equipe exclusivamente para esclarecer os colonos e moradores da região sobre o índio, para eliminar uma série de preconceitos, tipo "o índio é um bicho e se um deles aparecer na minha frente meto bala." O trabalho é necessário, segundo Cotrim, para evitar choques, que normalmente não ocorreriam.